

Minha feliz história de adoção

Pedro Henrique Oliveira Pereira

Chamo-me Pedro, tenho 19 anos e sou de Belo Horizonte, Minas Gerais. Fui adotado ainda bebê, e meus pais, Regina e Carlos, nunca me esconderam nada sobre isso, o que, a meu ver, foi crucial para que eu aceitasse a verdade e compreendesse ainda mais a importância do debate sobre adoção. No início, eles falavam da minha história com um tom mais leve, até pelo fato de que eu era uma criança, ainda descobrindo levemente o mundo à minha volta; porém, com o tempo, foram revelando tudo como realmente era. Muitos casais têm o sonho de ter filhos e aumentar a família, e com meus pais não foi diferente. Eles relatam que a primeira gravidez da minha mãe, infelizmente, fora interrompida espontaneamente, por conta de um problema de saúde, descoberto por ela meses depois. Foi muito difícil passar por dor tão forte... Por volta daquela época, começavam a circular estudos acerca da fertilização/inseminação, meus pais chegaram a procurar informações sobre essa técnica e pensaram em aderir a ela, porém o médico de confiança da minha mãe atentou que o método gestatório era sim uma boa opção, mas, que a probabilidade de não sair como o esperado também existia.

Em 2000, meus pais conheceram, de forma mais próxima, o tema da adoção, por meio de um casal de amigos com história semelhante à deles, o qual estava na “fila da adoção”. Foram longas conversas entre eles, até que meus pais decidiram também se inscrever no processo. Estavam esperançosos! Alguns meses depois, veio-lhes a notícia de que estavam aptos a adotar! Nesse instante, intensa felicidade os consumiu! Meus pais dizem também que, em nenhum momento, se importaram com as características da criança que criariam, pois o importante era cuidar de uma vida, com amor, carinho e zelo. A fim de se prepararem mais para realizarem plenamente o sonho que, há anos, juntos carregavam, eles recorreram à ajuda da minha pediatra, Dra. Marisa. Minha mãe biológica fora abandonada por meu pai durante a gestação, e ela não dispunha de condições de cuidar de mim e meus dois irmãos, porém não iria nos deixar à míngua; assim, ela nos entregou para adoção. Meus pais contam que ela deixou uma carta no Juizado, em que dizia almejar que eu e meus irmãos tivéssemos uma vida plena e que não nos faltasse nada, material ou não, pedido este que meus pais cumprem prontamente! Ainda não tive acesso a essa carta, nem contato com minhas origens. Em meados do ano passado, telefonamos ao Juizado para obter maiores informações sobre como eu poderia conhecer um pouco mais da minha história, por meio da documentação lá arquivada. Gostaria sim, se for possível, de conhecer minhas raízes, mesmo ciente da complexidade do processo, tudo no seu tempo...

Sei que meus pais venceram muitos desafios para concretizar o desejo da maternidade, não somente por terem enfrentado todos os trâmites necessários aos pais em busca de um adotando e até os (infelizmente) tabus que cerceiam essa temática, mas também por terem sido pais depois dos 40, o que muitos julgam como quase impossível... E até hoje fazem de tudo que é possível (e até mais) para me verem bem e feliz! Gratidão tenho a Deus por ter propiciado nosso encontro!

Nasci em 23 de setembro de 2001, tive que ficar mais tempo no hospital. Nove dias depois, conheci meus pais! Minha mãe e minha tia Niva, irmã de meu pai, foram me buscar na maternidade (na época, meu pai trabalhava durante o dia) num gol vermelho que ela tinha. Acho que foi por isso que gosto tanto de carros e do universo automotivo em si. Gosto esse que “disputa” espaço com meu extremo apreço também à música e literatura! Um fato curioso que, segundo meu pai, sempre me despertou largos risos, é que, quando vim para casa, ele ficou receoso de me pegar no colo num primeiro momento, não por desmotivação ou não querência, mas por receio de me pegar de forma errada. Porém, minha mãe explicou-lhe como tal procedimento deveria ser feito e ele me pegou, certamente, feliz da vida! Meu nome foi escolhido depois de várias sugestões! Por fim, fui registrado como Pedro Henrique Oliveira Pereira. Pedro, porque meus pais se casaram na igreja do santo católico de mesmo nome, no Bairro Floresta, que fica aqui em Belo Horizonte. Modéstia à parte, penso também que o nome que me foi escolhido foi melhor que as outras sugestões que estavam em análise...

Meus pais dizem que a maternidade os transformou em diversas intensidades e aspectos. Além de se tornarem pessoas mais gratas, responsáveis, felizes... com emanções constantes de coisas boas em seu interior! Eles dizem que minha chegada foi também incentivo para que eles cumprissem objetivos passados que ainda não estavam concluídos, por fatores também diversos. Minha mãe concluiu a pós-graduação, ela e meu pai tiraram carteira, compraram um apartamento e um carro. Mesmo com tantos ganhos materiais, eles dizem que fui o melhor presente que já tiveram, e eu também repito, muito gratamente (ainda mais a Deus) esse dizer! Estamos sempre aprendendo juntos e, claro, partilhando conhecimentos também, sobretudo agora, neste ano desafiador que estamos prestes a terminar, 2020. Apesar de todas as dificuldades e do ar pesado que o enredou, creio que meus pais e eu estamos tendo a oportunidade de ficar mais próximos, não só pelo isolamento social, imposto pela quarentena, mas também próximos em vários outros sentidos, tendo a oportunidade de conhecer uma nova versão de nós. Algo que antes ou nunca, ou muito raramente, ocorria, por conta da rotina corrida e sem muitas pausas para momentos de conversa e agregação como esses. Tenho certeza de que tal positividade e os aprendizados que se iniciaram nesse período perdurarão por longos anos!



Durante meu batizado com meus pais, na igreja que minha avó frequenta desde que se mudou para o Bairro União, há cerca de 40 anos.

Como filho único, claro que, na infância, um de meus vários pedidos para meus pais era um irmão. Tudo bem, eu sabia/sei que tenho dois, mas queria ter alguém de mesma idade para compartilhar brincadeiras e passar o tempo... Entretanto, solidão é uma palavra que quase nunca faz parte do meu vocabulário. É bem raro eu me sentir assim. Hoje em dia, quando me perguntam sobre o pedido que fazia de ter um irmão na mesma casa que eu, brinco que não queria mesmo abrir mão dos “privilégios” de todo filho único... Meus pais dizem querer netos, mas na hora certa, claro. (Bem) futuramente! Tudo no seu tempo...

Até 2016, morávamos com minha avó, depois nos mudamos para um apartamento, bem pertinho da casa dela também. Minha mãe lecionou à noite no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), por quase dez anos, isso desde que nasci. Assim, eu ficava com minha avó durante esse período do dia, ficávamos assistindo televisão, alguns DVDs, ouvindo músicas... Minha relação com minha avó sempre foi muito forte! Aprendo muito com ela, que, em fevereiro, completou 100 anos, mas está ótima, com uma energia invejável para muitos até mesmo de minha geração! Muitos dizem que as avós são mães em dose dupla, indubitável dizer! Doses duplas de emanções infindas de coisas boas, vivências memoráveis e aprendizados incomensuravelmente valiosos! Acredito que tenha herdado dela um *hobby* que muito gosto: a gastronomia e afins. Minha mãe, inclusive, conta que eu tinha o costume de fazer uma mesa posta com chá, pão, bolo, biscoito... quando ela chegava da escola onde dava aulas durante a noite. Gostosas e inesquecíveis lembranças!!!



Com minha avó no sofá da sala de sua casa...

Voltando um pouco na temática da solidão, recordo-me de algo que sempre me perguntavam: se ao descobrir que era adotado, eu tivera algum trauma ou coisa do tipo. Não, não aconteceu comigo. Como disse no início desse relato, o fato de meus pais irem abrindo essa caixinha de surpresa gradualmente, sem esconderem seu real conteúdo desde quando eu era pequeno, contribuiu muito para que esse fator não me exercesse tangência. Acho que todo pai adotivo deve fazer isso. Não que eu seja psicólogo ou alguém da área, mas penso que todo pai/mãe adotivo deve agir assim como os meus, justamente para que essas reações traumáticas sejam evitadas.

Penso que falar de adoção, sobretudo hoje em dia, é falar de amor, carinho, cuidado, responsabilidade, família, proteção... É estritamente necessário, afinal, quando se está falando disso, da forma como o tema deve ser tratado, fala-se também de salvar vidas. Eu e meus irmãos fomos salvos! Infelizmente ao ler sobre o tema, vejo que muitos candidatos ao processo adotivo elegem um “padrão” para o futuro integrante de seu núcleo familiar, o que eu penso ser irrelevante, visto que, para salvar vidas, não se olham fatores físicos. Esse e outros tabus acirram ainda mais a necessidade de se colocar o tema em debate e romper essas barreiras.

Gratidão pela minha família!



Em minha formatura do Ensino Médio no ano passado!